



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/11/2015 a 12/11/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/11/2015	8,71	295,70	28,04	5,23	3,73
09/11/2015	8,73	295,00	27,77	5,01	3,66
10/11/2015	8,64	292,20	27,27	4,90	3,59
11/11/2015	8,68	294,00	27,18	4,94	3,62
12/11/2015	8,69	291,40	27,44	4,98	3,62
Média	8,69	293,66	27,54	5,01	3,64

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	81,65	-1,18
RS - Santa Rosa	81,15	-1,19
RS - Ijuí	81,15	-1,19
PR - Cascavel	77,65	-2,02
MT - Rondonópolis	71,65	-3,66
MS - Ponta Porá	74,60	-1,52
GO - Rio Verde (CIF)	75,00	-2,60
BA - Barreiras (CIF)	71,50	-4,03
MILHO		
Argentina (FOB)**	164,00	-1,06
Paraguai (FOB)**	105,40	-1,95
Paraguai (CIF)**	136,50	0,83
RS - Erechim	36,40	1,64
SC - Chapecó	34,30	1,63
PR - Cascavel	30,10	-0,29
PR - Maringá	30,20	-0,98
MT - Rondonópolis	23,50	0,00
MS - Dourados	25,95	-1,84
SP - Mogiana	31,80	-1,97
SP - Campinas (CIF)	35,40	-0,81
GO - Goiânia	28,00	0,00
MG - Uberlândia	31,00	-1,00
TRIGO		
RS - Carazinho	710,00	0,00
RS - Santa Rosa	710,00	0,00
PR - Maringá	790,00	1,61
PR - Cascavel	740,00	0,00

*Período entre 06/11/2015 a 12/11/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/11/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	28,33	73,82	33,03

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/11/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,70
Feijão (saco 60 Kg)	113,18
Sorgo (saco 60 Kg)	22,40
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,15
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	4,88

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram um pouco mais após o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/11. O bushel, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 8,64 naquele mesmo dia, vindo a fechar nesta quinta-feira (12) em US\$ 8,69, após ajustes técnicos. Ou seja, excetuando dois dias de setembro passado, quando as cotações chegaram a bater nestes baixos níveis, Chicago voltou a trabalhar com valores que somente haviam sido vistos no final de 2008 e início de 2009.

O relatório do USDA efetivamente confirmou sua tendência baixista ao anunciar uma safra que está sendo colhida nos EUA em 108,3 milhões de toneladas. Em se confirmando esse volume, será um novo recorde histórico já que a colheita do ano anterior ficou em 106,9 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, como se esperava, os estoques finais estadunidenses, para 2015/16, subiram a 12,6 milhões de toneladas, contra 5,2 milhões no ano anterior. A produtividade média da atual safra está agora calculada em 3.247 quilos/hectare ou 54,1 sacos/hectare. Nesse contexto, o preço médio da soja, aos produtores dos EUA, gira agora entre US\$ 8,15 e US\$ 9,65/bushel para o atual ano comercial, contra US\$ 10,10 no ano anterior e US\$ 13,00/bushel dois anos antes.

Em termos mundiais o relatório apontou uma safra global de soja 321 milhões de toneladas, com estoques finais em 82,9 milhões de toneladas para 2015/16. Os estoques foram levemente reduzidos, em relação ao relatório de outubro, porém, sem grandes conseqüências já que ficam, assim mesmo, muito superiores aos 77,6 milhões de toneladas registrados em 2014/15 e aos 62,7 milhões de 2013/14. A produção brasileira está projetada em 100 milhões de toneladas e a da Argentina e do Paraguai em 57 e 8,8 milhões de toneladas respectivamente. As importações chinesas para o corrente ano comercial foram levemente aumentadas, passando de 79 milhões para 80,5 milhões de toneladas.

No geral, o cenário mundial de preços para a soja continua baixista na medida em que a colheita dos EUA chega ao fim e a produtividade se confirma muito boa. Até o dia 08/11 cerca de 95% da área de soja estadunidense já estava colhida, contra a média histórica de 93% para esta época. Além disso, a semeadura da nova safra sul-americana, apesar de alguns percalços climáticos, transcorre normalmente até o momento, indicando uma safra recorde no Brasil e no somatório da América do Sul.

Por sua vez, as vendas líquidas de soja por parte dos EUA diminuíram na semana encerrada em 29/10. Os números oficiais dão conta de um volume de 656.500 toneladas, somando os anos comerciais 2015/16 e 2016/17. O mercado esperava um volume entre 1,2 milhão a 2,1 milhões de toneladas. Já as inspeções de exportação de soja somaram 2,03 milhões de toneladas na semana encerrada em 05/11. Na semana anterior o volume havia sido de 2,56 milhões. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de setembro o volume alcança 14,03 milhões de toneladas, contra 13,5 milhões em igual período do ano anterior.

Somou-se a tudo isso, ainda, o fato de que os preços internacionais do petróleo continuam baixos, não estimulando o uso da soja para a produção de biodiesel.

Paralelamente, as importações chinesas de soja, em outubro, somaram 5,53 milhões de toneladas, contra 7,26 milhões em setembro. No acumulado dos 10 primeiros meses do corrente ano a China importou 65,18 milhões de toneladas, com um avanço de 15% sobre igual período do ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Aqui no Brasil, os preços recuaram um pouco na esteira da queda de Chicago e de um câmbio que se manteve, devido as fortes intervenções do Banco Central brasileiro, entre R\$ 3,77 e R\$ 3,80 em boa parte da semana. Assim, o balcão gaúcho viu sua média recuar para R\$ 73,82/saco, enquanto os lotes ficaram R\$ 80,50 e R\$ 81,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 65,00/saco em Sorriso e Sapezal (MT) e R\$ 75,50/saco em Cascavel e Pato Branco (PR). Em o câmbio se mantendo nestes níveis, o que está longe de ser garantido, e diante de uma tendência de recuo, mesmo que leve, nas cotações em Chicago, o quadro de preços nacionais da soja, caso o Brasil tenha uma safra cheia, é de preços mais baixos do que estes agora praticados. Por enquanto, nota-se que o mercado nacional já entrou em um processo descendente, embora ainda instável, em termos de preços da soja. Nesse sentido, igualmente os preços futuros refletem o novo quadro baixista, com recuos significativos em algumas praças nacionais.

Nesta semana, os mesmos, em termos médios, ficaram assim estabelecidos: R\$ 73,00/saco para maio no interior gaúcho; R\$ 78,50/saco CIF para maio, em Rio Grande; R\$ 73,50/saco CIF para março/abril em Paranaguá; R\$ 64,50 a R\$ 65,50/saco em Rondonópolis (MT) e Brasília (DF) para fevereiro/abril; R\$ 65,00/saco em Dourados (MS) e Rio Verde (GO) para fevereiro/março; R\$ 65,00/saco para Uberlândia (MG) em abril; R\$ 67,00 em Barreiras (BA) para maio; R\$ 63,00 em Balsas (MA); R\$ 64,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 62,00/saco em Pedro Afonso (TO). (cf. Safras & Mercado)

Vale destacar que, segundo o USDA, o Brasil, sobre uma colheita futura projetada em 100 milhões de toneladas, deverá esmagar 40 milhões de toneladas de soja em 2015/16 e exportar 57 milhões de toneladas. A produção brasileira de farelo de soja seria de 30,96 milhões de toneladas, com um consumo interno de 15,4 milhões de toneladas e exportações de 15,6 milhões. Já em óleo de soja a produção brasileira está projetada em 7,68 milhões de toneladas, sendo que 6,37 milhões (83%) serão destinadas ao consumo interno e 1,39 milhões para exportação.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 22/10 a 12/11/2015.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 22/10 e 12/11/2015 (CBOT)

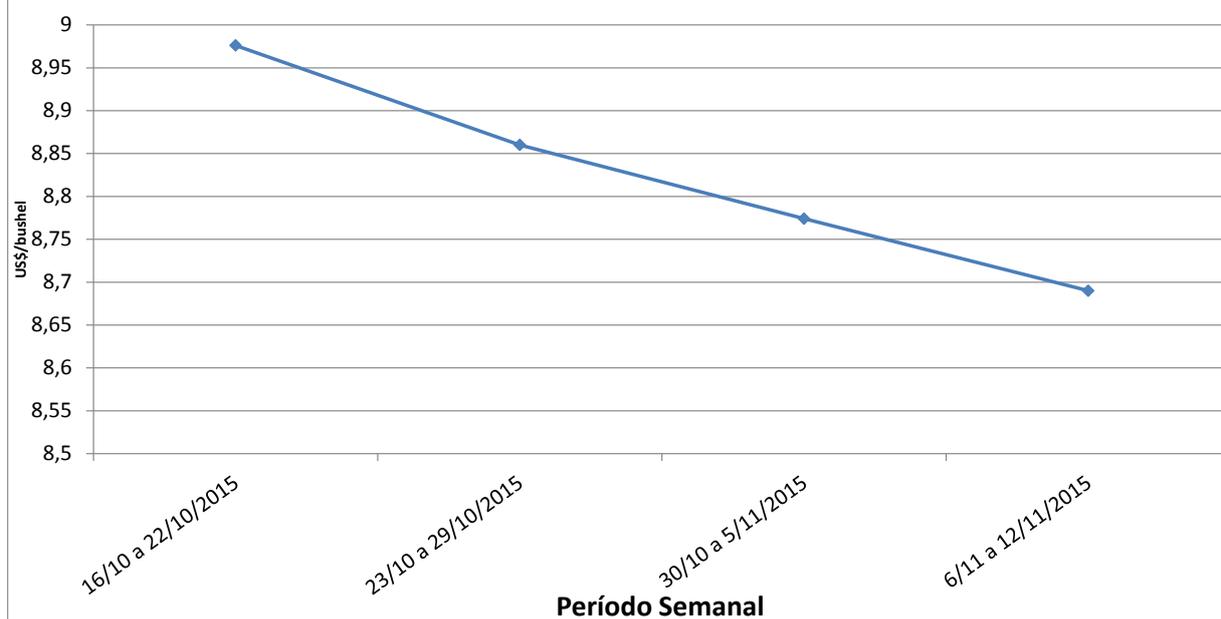
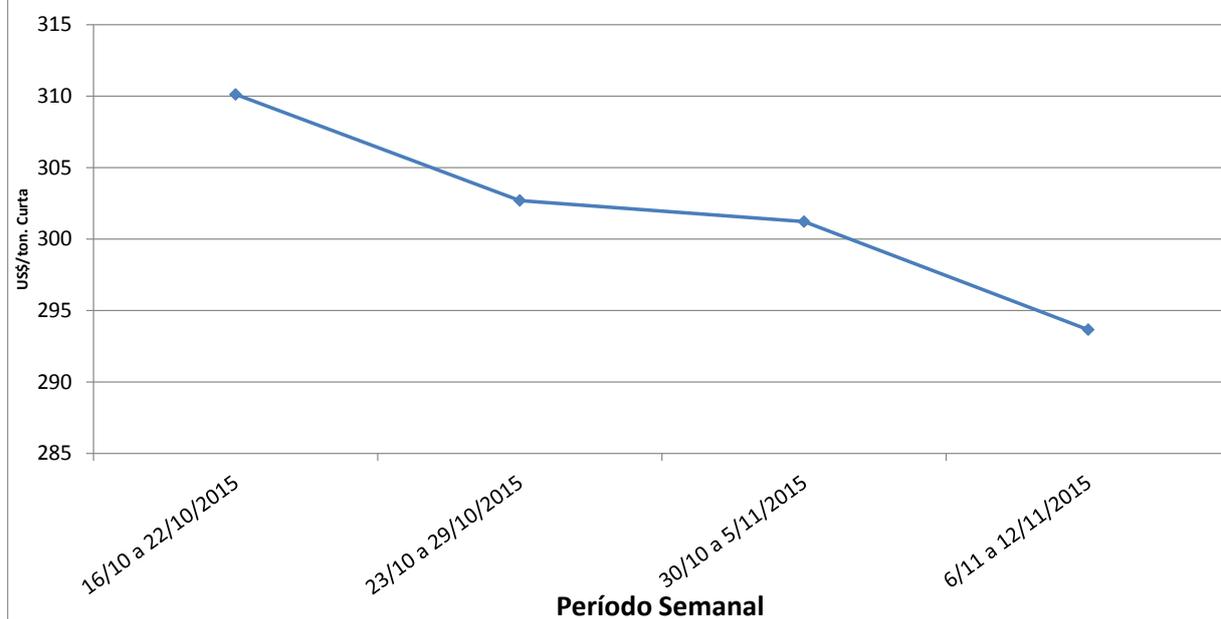
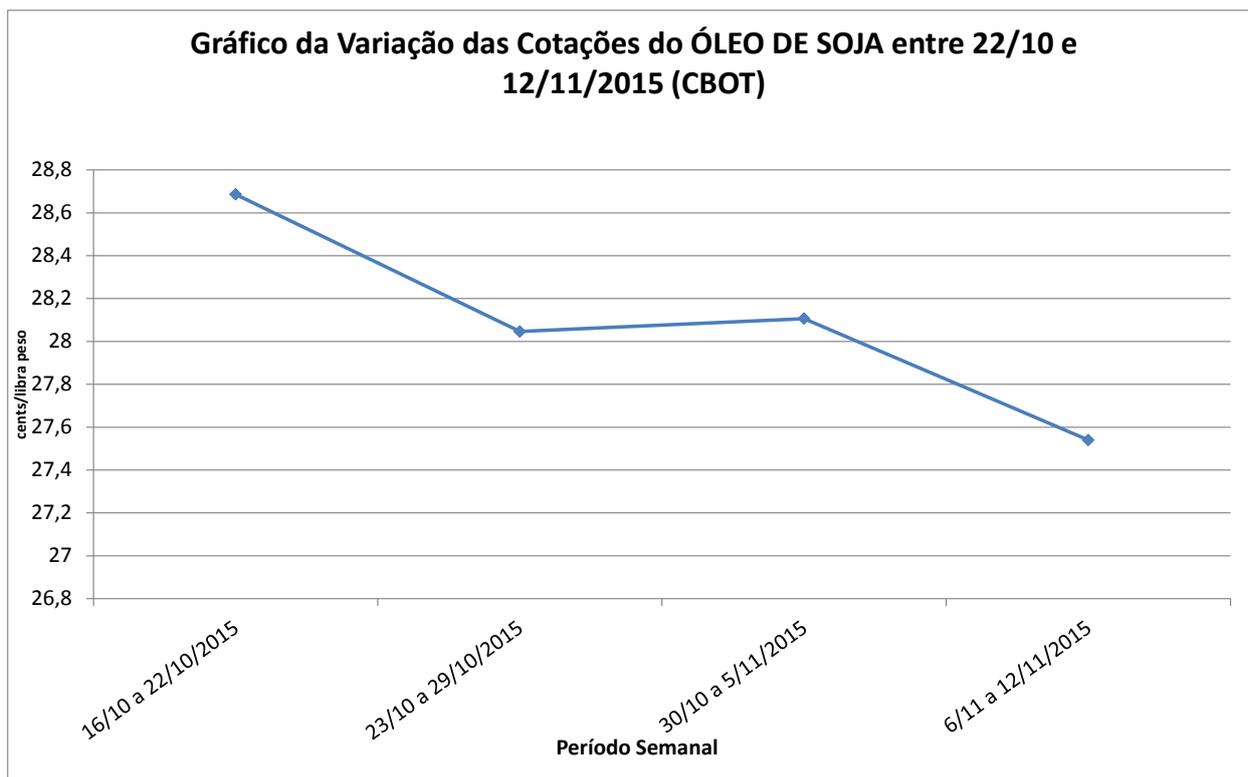


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 22/10 e 12/11/2015 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente cederam durante esta semana. O bushel fechou a quinta-feira (12) em US\$ 3,62, após US\$ 3,59 no dia 10/11 e US\$ 3,74 uma semana antes. O motivo igualmente foi o relatório do USDA, anunciado no dia 10/11, o qual surpreendeu em parte o mercado, pois elevou igualmente a produção do cereal nos EUA.

O USDA indicou uma produtividade média nos EUA de 10.630 quilos/hectare (177,2 sacos/hectare), elevando a produção final para 346,9 milhões de toneladas, contra 344,4 milhões em outubro. Mesmo assim, bem mais baixa do que as 361,2 milhões de toneladas colhidas no ano anterior. Os estoques finais de milho, para 2015/16, foram aumentados para 44,7 milhões de toneladas, contra 44 milhões em outubro. Já o preço médio de referência aos produtores locais, para o corrente ano comercial, ficou estabelecido entre US\$ 3,35 e US\$ 3,95/bushel, contra a média de US\$ 3,70 um ano antes e US\$ 4,46/bushel dois anos antes.

A safra mundial de milho foi novamente elevada, passando agora para 974,9 milhões de toneladas, com estoques finais em 211,9 milhões de toneladas, contra 208,2 milhões um ano antes e 174,9 milhões de toneladas em 2013/14. A produção brasileira do cereal foi elevada para 81,5 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina passou para 25 milhões de toneladas. Projeta-se exportações brasileiras de 25 milhões de toneladas de milho para 2015/16.

A colheita do cereal nos EUA, até o dia 08/11, atingia a 93% da área, contra 88% na média histórica.

Paralelamente, as exportações estadunidenses de milho, na semana anterior, ficaram muito baixas, registrando apenas 556.000 toneladas. Esse fato se deve a um dólar muito forte no cenário mundial, além das enormes exportações brasileiras, que concorrem fortemente com o produto norte-americano.

Em continuando tal quadro, já se especula que o produtor estadunidense irá reduzir novamente a futura área a ser semeada com milho (safra 2016/17).

Para complicar o quadro de preços do cereal em Chicago, somou-se ainda o anúncio do Egito de que deverá colocar seus estoques públicos de trigo a venda para empresas privadas. Além disso, houve retorno de chuvas nas regiões produtoras de trigo da Ucrânia e da Rússia. Com isso, o trigo despencou em Chicago, puxando o milho. Além disso, na semana passada as exportações de milho pelos EUA não melhoraram, ficando em apenas 295.700 toneladas.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB recuou de preço nesta semana. O valor para novembro ficou respectivamente em US\$ 162,00 e US\$ 105,00.

Aqui no Brasil os preços se mantiveram firmes. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 28,33/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 35,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 19,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 34,50/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia, Chapecó e Campos Novos.

No geral, nota-se que os preços do cereal começam a se estabilizar, após as altas das últimas semanas. Na prática, o mercado ainda não estaria avaliando suficientemente a importância das exportações nacionais do cereal, que são enormes nesse momento fato que poderá reduzir em muito a disponibilidade do milho no primeiro trimestre do próximo ano.

Nesse sentido, a primeira semana de novembro registrou vendas externas de 986.300 toneladas, enquanto o mercado espera um total mensal de 7,1 milhões de toneladas. Resta esperar que as chuvas não retardem os embarques nos portos. Pelo sim ou pelo não, projeta-se que o Brasil poderia chegar, no final do atual ano comercial (31 de janeiro de 2016) com exportações recordes de 30 milhões de toneladas de milho.

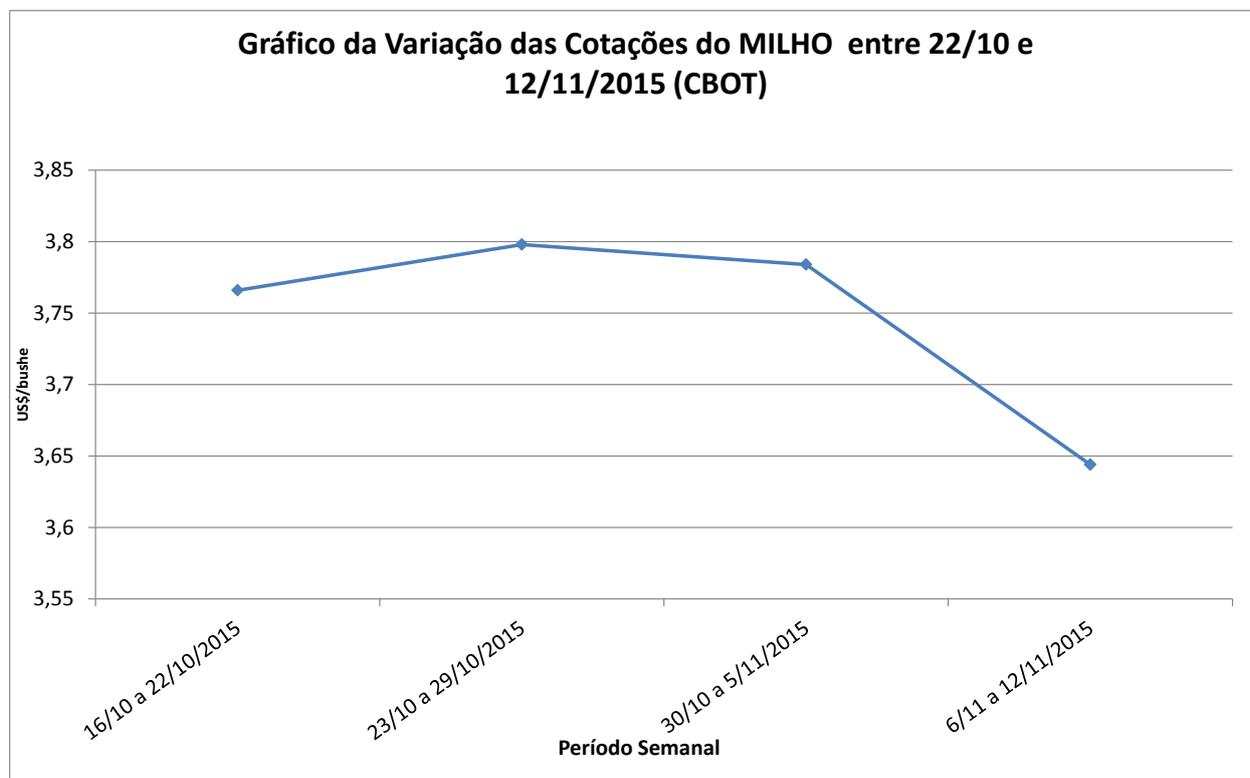
Nessa linha, os preços na região de Campinas (SP) se mantiveram entre R\$ 35,00 e R\$ 36,00/saco, sendo o câmbio no Brasil um ponto de referência para indicar futuras tendências de preço. Por enquanto, diante dos ótimos preços de exportação, ocorre um enxugamento da oferta no interior do país e os preços locais sobem. Como as chuvas ainda não são normais nas regiões mais centrais do país, teme-se por uma safra de verão menor, agravando ainda mais a disponibilidade de milho para o primeiro semestre de 2016. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 50,04/saco para o produto dos EUA e R\$ 46,40/saco para o produto da Argentina, ambos para novembro. Já o produto argentino para dezembro ficou em R\$ 48,86/saco. Por sua vez, a exportação no transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores:

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

R\$ 35,28/saco para novembro; R\$ 35,48 para dezembro; R\$ 35,39 para janeiro; R\$ 35,42 para fevereiro; R\$ 35,37 para março e R\$ 36,16/saco para abril. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 22/10 a 12/11/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram fortemente durante a semana. A quinta-feira (12) registrou o fechamento de US\$ 4,98/bushel, após US\$ 4,90 no dia 10/11 e US\$ 5,26 uma semana antes.

Um dos principais motivos de tal comportamento esteve no fraco desempenho das exportações estadunidenses do cereal. As mesmas ficaram em apenas 84.600 toneladas na semana encerrada em 29/10, ou seja, 80% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Além disso, o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/11, surpreendeu o mercado, pois trouxe um aumento nos estoques finais dos EUA para 2015/16. Os mesmos subiram para 24,8 milhões de toneladas, mesmo com a produção final mantida em 55,8 milhões de toneladas neste ano comercial. Com isso, o preço

médio a ser pago aos produtores locais ficou entre US\$ 4,80 e US\$ 5,20/bushel, contra a média de US\$ 5,99/bushel em 2014/15 e US\$ 6,87 em 2013/14.

Em termos mundiais, o relatório manteve a produção global em 733 milhões de toneladas, com estoques finais mundiais em 227,3 milhões de toneladas para 2015/16, após 211,7 milhões um ano antes e 193,6 milhões de toneladas dois anos antes. A produção brasileira está projetada em 6 milhões de toneladas, enquanto as importações estão contabilizadas em 6,3 milhões de toneladas. A julgar pelas quebras na safra brasileira, julgamos tal volume a ser produzido muito otimista. Já a Argentina deverá produzir 10,5 milhões de toneladas no corrente ano comercial e exportar 5 milhões.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 08/11, atingia a 92% da área esperada, contra 94% na média histórica. Nessa data, 51% das lavouras semeadas apresentavam condições entre boas a excelentes, 38% situação regular e 11% entre ruins a muito ruins.

No Mercosul, os preços da tonelada para exportação variaram entre US\$ 180,00 e US\$ 210,00, registrando um recuo junto ao patamar mais elevado.

No Brasil, os moinhos continuam a realizar negócios mais pontuais, embora tenham aumentado suas compras locais diante da forte frustração da safra nacional.

A colheita na Argentina teria chegado a 5% da área nesta semana, em uma área 16% menor do que a semeada no ano anterior. Ao mesmo tempo, a colheita atingiu a 90% da área, estando atrasada em função das chuvas. Nos últimos 20% de área que estão sendo colhidos ocorre uma nítida perda de qualidade do produto paranaense em relação ao restante já colhido. No Rio Grande do Sul, a colheita chegou a 50%, também com atraso e com enorme perda de produto e, especialmente, qualidade do mesmo. As perdas tendem a somar 1,5 milhão de toneladas físicas diante de uma projeção inicial de colheita ao redor de 2,5 milhões, sendo que apenas 400.000 toneladas alcançariam o nível de produto de qualidade superior. Por enquanto, tendo metade da área colhida, a média de PH é de 70.

Os preços nacionais só não aumentam mais porque entra trigo do Paraguai e, agora, começa a ser colhido o trigo argentino. Nesse momento, para o trigo paranaense poder competir com o produto do Paraguai, a tonelada deveria estar ao redor de R\$ 750,00. Na prática, os lotes paranaenses estão registrando valores entre R\$ 730,00 e R\$ 780,00/tonelada. Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul o balcão fechou a semana em R\$ 33,03/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 700,00/tonelada, ou seja, R\$ 42,00/saco (para o produto de qualidade superior).

A pouca oferta de trigo nacional sob qualidade superior, devido as fortes frustrações climáticas deste ano, associada a um câmbio que mantém o Real bastante desvalorizado, encarecendo as importações, continua a indicar preços melhores no futuro para o cereal de qualidade superior. Todavia, é preciso considerar igualmente que, diante da crise econômica importante que o Brasil vive, a demanda nacional pelos derivados de trigo diminuiu, levando os moinhos a sustentarem, há algum tempo, estoques significativos de farinha, reduzindo a moagem do cereal.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 22/10 a 12/11/2015.

